AVE PALAVRA
Revista Digital do Curso de Letras
UNEMAT - CAMPUS DE ALTO ARAGUAIA

O processo de nomeação das fazendas-engenhos de Cáceres -MT

Leila Castro da Silva[1]

RESUMO: Esta pesquisa se filia no campo teórico da Semântica do Acontecimento (2002), de Guimarães, na perspectiva de que a língua funciona ao ser afetada pelo interdiscurso, e se propõe a analisar como se deu o processo de designação das Fazendas-Engenhos, nomeadas como *Jacobina*, *Descalvados*, *Facão* e *Ressaca*, instaladas na segunda metade do século XIX, no município de Cáceres. Para o desenvolvimento deste estudo, utilizamos como *corpus* documentos cartoriais de registro de compra e venda dessas fazendas e documentos históricos em que os nomes dessas fazendas aparecem, observando se esses nomes se mantêm, foram substituídos e/ou modificados. Através deste estudo, percebemos que, ao longo dos séculos, os nomes das fazendas-engenhos analisados não sofreram modificações, com exceção da Fazenda Ressaca, que antes era denominada por uma trilogia de nomes *Ressaca*, *Lagoa Secca* e *Piuva*, e que passou a ser reescriturada apenas pelo primeiro nome. As terras dessa fazenda ficam nas confluências do Córrego *Facão* e *Barreiro*, cujas águas formam, nesse ponto, uma turbulência que deu origem ao nome do local. Nessa perspectiva, o nome *Ressaca* pode estar semanticamente ligado a dois sentidos: ao encontro das águas e ao efeito da aguardente, que também era produzida na fazenda. Os nomes *Jacobina*, *Facão*, *Descalvados* e *Ressaca* permanecem produzindo efeitos de sentido para a história do município toda vez que são enunciados.

PALAVRAS-CHAVE: nomeação, acontecimento, efeitos de sentido

ABSTRACT: This research joins in theoretical field of Semântica do Acontecimento (2002), Guimarães, in a perspective that language functions when is affected by interdiscourse, and aims to analyze how was the process of designating of the Fazendas-Engenhos, named as Jacobina, Descalvados, Facão e Ressaca, installed in the second half of the nineteenth century, in the town of Cáceres. On the processing of this study, we used as *corpus* documents from the purchase and sale records of notary's office of these farms and historical documents on which appear the names of these farms, noting that such names remain, have been replaced and / or modified. Through this study, we noticed that over the centuries, the names of farms analyzed mills are unchanged, except for the Fazenda Ressaca, formerly called by the trilogy of Ressaca, Lagoa Secca and Piúva, and which became rewriting by its first name only. The farm lands that are in the

[1] Graduada em Letras, Especialista em Linguística e Mestranda em Linguística pela Universidade Estadual de Mato Grosso - (UNEMAT). E-mail: leikasi@hotmail.com – Artigo referente ao Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Linguística – UNEMAT/Cáceres – MT – Orientação: Profª. Drª. Neuza B. da Silva Zattar

confluence of the Corrego Facão and Barreiro, whose waters form at this point, turbulence that led to the name of the site. From this perspective, the name Ressaca may be semantically linked to two senses: the meeting of the waters and the effect of the aguardente, which was also produced on the farm. The names Jacobina, Facão, Descalvados and Ressaca remain producing effects of sense for the municipality's history every time they are listed.

KEYWORDS: appointment, event, meaning effects

Introdução

Conhecer a história de Cáceres, especialmente a história das fazendas-engenhos que floresceram no entorno da cidade, no século XIX, sempre foi para mim um assunto instigante pelo que essas fazendas significaram e ainda significam, quando alguém enuncia algo sobre elas. Pois como bem diz Paul Henry (1997, p. 51), "não há "fato" ou "evento" histórico que não faça sentido, que não peça interpretação [...]".

Em Mato Grosso, as Fazendas-Engenhos surgem a partir do final do século XIX, edificadas nos moldes da casa-grande descrita por Freire. A casa-grande de engenho que o colonizador começou, no século XVI, a construir no Brasil, não era nenhuma reprodução das casas portuguesas, mas uma expressão nova, que correspondia ao nosso ambiente físico e a uma fase surpreendente, inesperada, do imperialismo português. (FREIRE, 2006).

Na casa-grande era viviam o "senhor de engenho", sua família e alguns agregados. Esses senhores exerciam um grande poder social, político e econômico na região. Além disso, eram proprietários de escravos e também de grandes extensões de terras e, ainda, costumavam a usar os casamentos e batizados para ampliar o patrimônio de suas famílias.

Dentre as fazendas que até hoje permanecem instaladas no solo do município de Cáceres, destacamos para análise as Fazendas-Engenhos: *Jacobina, Descalvados, Facão e Ressaca*.

A fazenda Jacobina, uma das mais ricas fazendas da província de Mato Grosso, possuía um território de quatro léguas em quadra, das quais dois quartos eram cultivados e o resto constituía-se de florestas virgens, lezírias e pastarias. Escravos de trabalho, tanto adultos quanto crianças, formavam toda a escravatura desse estabelecimento; e além desses, havia ainda, em número quase igual, gente forra entre agregados, crioulos, mulatos e índios, que trabalhavam mais ou menos para si, ou eram pagos pelo seu proprietário, o tenente-coronel João Pereira leite.

A cana de açúcar era o principal cultivo da fazenda, e também cultivava-se mandioca, feijão, milho etc., e café para consumo local.

A fazenda *Descalvados* teve como primeiro proprietário, o Sr. João Carlos Pereira Leite, que a adquiriu através de doação em retribuição pela luta na Guerra do Paraguai. Em 1895, ela passa a pertencer

a Jaime Cibilis Buxario, que se associa a um grupo belga, e a exploração do local toma feições de uma indústria extrativista. Nessa fazenda foi instalado um saladeiro que abatia as reses da propriedade para fabricação e exportação de charque, pois havia uma fábrica de extrato de carne destinado a abastecer o mercado europeu, visto que possuía porto para embarque e desembarque para navios a vapor.

A Fazenda *Facão* pertencia ao mesmo proprietário da fazenda *Ressaca*, Sr. Francisco Villanova, e no passado tornou-se indústria de produtos derivados da cana de açúcar, em especial a aguardente, o açúcar e todos os cereais, inclusive a farinha de mandioca.

Estabelecida no vale rio Paraguai, a Usina *Ressaca* foi fundada por Francisco Villanova, de nacionalidade espanhola. A fazenda também tinha como principal fonte de produção o açúcar e aguardente.

Sobre essa fazenda, diz Póvoas (1985, p. 44-45):

> Possuía o estabelecimento a "Casa Grande" de residência do proprietário; o edifício da fábrica, imponente, todo construído de pedra canga lavrada, com argamassa de areia e cal, que mesmo sem ter utilizado cimento, é de uma solidez impressionante; as casas para residência de funcionários graduados da usina; cinco grupos de casas geminadas para moradia de "camaradas", depósitos; armazéns; oficina mecânica; oficina de carpintaria, etc.

A importância das usinas estava ligada à figura de seu proprietário, intitulado "coronel", que tinha sobre seus empregados uma grande ascendência, de modo a formar o seu "curral eleitoral, pois os votos de seus empregados é que garantiriam a vitória eleitoral do próprio coronel ou de seus candidatos **(**MADUREIRA, 1997).

Na perspectiva de que a língua funciona ao ser afetada pelo interdiscurso (GUIMARÃES, 2002**),** pelos discursos já formulados e que constituem o memorável (o passado no acontecimento), propomos analisar o processo de nomeação dessas fazendas-engenhos, localizadas no entorno da cidade de Cáceres-MT.

Enunciar os nomes *Jacobina*, *Descalvados*, *Facão* e *Ressaca* parece sempre ser um modo de referir-se a eles no momento em que se enuncia algo que lhes diz respeito.

Assim, buscamos compreender como se deu o processo de designação dos nomes dessas fazendas-engenhos, a partir do cruzamento de diferentes discursos que atravessam a enunciação que nomeia essas fazendas.

Para o desenvolvimento deste estudo, utilizarei como *corpus* documentos cartoriais de registro de compra e venda dessas fazendas, transcritos do livro 4 - *Transcrição das Transmissões - 1884 1886*, do arquivo do Cartório do 1º Ofício, em Cáceres-MT, e documentos históricos em que os nomes dessas fazendas aparecem, observando se esses nomes se mantêm, foram substituídos e/ou modificados.

O processo de nomeação

O processo de nomeação de nomes de pessoas, lugares e instituições está relacionado à história da sociedade e, por isso, esses nomes são carregados de sentidos. Logo, não há como falar da história de um nome sem falar da história em que o nome se dá como nome, tendo em vista que o modo de nomear, o agenciamento enunciativo específico da nomeação, é o elemento constitutivo da designação de um nome. Essa relação torna mais intensos os efeitos de sentidos marcados pela memória destes nomes, ou seja, os discursos que atravessam a enunciação que nomeia. .

Guimarães (2005, p. 09) diz que a "nomeação é o funcionamento semântico pelo qual algo recebe um nome e a designação é o que se poderia chamar de significação de um nome". No processo de nomeação se dá nos espaços de enunciação que "são espaços de funcionamento de língua, que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante".

Em *Semântica do Acontecimento* (2002), Guimarães redefine o campo da enunciação e traz, para o acontecimento, a questão da temporalidade, onde o autor diz que "o sujeito não é a origem do tempo da linguagem, o sujeito é tomado na temporalidade do acontecimento" (idem. p. 12). Sobre a temporalidade do acontecimento, o autor argumenta que ela constitui o presente e abre o lugar dos sentidos, e um passado, mas um passado de rememorização de enunciações, isso quer dizer que esse passado acontece como parte de uma nova temporalização, projetando em si mesmo um futuro, sem a qual não há sentido, não há acontecimento, nem enunciação.

A análise

As propriedades linguísticas dos nomes das fazendas-engenhos serão analisadas a partir de dois aspectos:

a) estrutura morfossintática;

b) funcionamento semântico-enunciativo.

1 - As estruturas morfossintáticas

Os nomes das fazendas-engenhos são constituídos de:

a) Nome próprio de sesmaria: *Descalvados*;

b) Sintagma preposicionado: *Sesmaria d*a *Jacobina*;

c) Nome próprio de terras pastoris: *Ressaca, Lagoa Seca e Piúva*.

d) Nome próprio de acidente geográfico: *Facão*.

As estruturas morfossintáticas apresentam pistas sobre a diferença do funcionamento dos nomes atribuídos às fazendas-engenhos. Em *Sesmaria da Jacobina*, os nomes estão ligados por preposição, e em *Ressaca, Lagoa Seca e Piúva*, os nomes estão separados por vírgula, denominando um único imóvel, no caso, grande extensão de terras.

Observamos que a estrutura morfossintática desses nomes se diferencia dos nomes próprios de pessoas e de ruas, por se constituírem de um único nome, com exceção dos nomes *Ressaca, Lagoa Seca e Piúva* que, conforme a escritura de registro de compra e venda, referem a mesma extensão de terras adquiridas à época.

Como se pode perceber, esses nomes se apresentam de forma diversa dos nomes que designam pessoas, que são, geralmente, constituídos de nomes simples, compostos e de sobrenomes.

2. Funcionamento semântico-enunciativo

Um aspecto importante do funcionamento semântico-enunciativo é o modo como a enunciação que nomeia as fazendas se relaciona com outras enunciações como, por exemplo, as que nomeiam pessoas, lugares, ou objetos.

Tomemos primeiramente, para análise, um trecho do registro de contrato de compra e venda da Fazenda Jacobina:

> *Nº do registro 109, folha 53*
> *Data – sete de setembro de 1907*
> *Circunscrição* – município de São Luis de Cáceres,
> *Denominação* = Sesmaria da Jacobina com todas as bem-feitorias móveis e imóveis. Uma parte da Sesmaria Joao Crioulo, posse da Criminosa, partes das Sesmarias São Luiz Caetes, Pastos de Cavalhos e Guanady.

A enunciação do nome *Jacobina* resulta de outras enunciações que circulam na cidade. A enunciação que nomeia a fazenda toma e inclui a enunciação que nomeou o casal de índios Jacob e Bina e pode estar relacionada à lenda que procura explicar a origem do nome *Jacobina*. "Diz a lenda que nas terras de Jacobina vivia um casal de índios, de cujos nomes Jacob e Bina, ter-se-ia pela junção, formado o nome - *Jacobina***.** Essa nomeação traz a presença dessa lenda sobre os primeiros povos do Brasil e que evocados pelo discurso dos portugueses, mantém-se na história de institucionalização dessa fazenda.

Pode-se dizer que essa lenda se mantém pela presença de tribos de índios, cujos representantes foram descritos por Hércules Florence (1997), quando de sua passagem pela Fazenda Jacobina, em 1827:

> [...] apareceu-nos um grupo de índios. Vermelhavam de urucum [...]. Era um cacique da tribo vizinha dos Bororós" (p.184).

Além da relação específica com a história local, a enunciação desse nome pode estar relacionada com a história de outra cidade do país, como a cidade de Jacobina no Estado da Bahia.

O texto que se segue é um recorte do registro de compra e venda da fazenda Descalvados.

> *Nº do registro 48, folha 23*
> *Data – 27 de julho de 1895*
> *Circunscrição* – município de São Luis de Cáceres,
> *Denominação* = Cambara, Onças, Tremendal II, Tremendal I, Bahia da Pedra, Cascavel, Barra do Jauru, Pescaria, Carandazal, Descalvados, Salma e Santa Fe.
>
> *Características e confrontações* = Doze Sesmarias medidas e demarcadas, com expecao das denominadas Salma e Santa Fe, são situadas no território Boliviano e as outras no município de Cáceres, com os nomes descriptos.

As terras da Jacobina se estendiam em um vasto território e, nessa região, o Major João Carlos P. Leite tomou posse de um conjunto de sesmarias, onde mais ao sul havia uma região de terras altas chamadas "Escalvado".

Leite (1978, p. 46) relata que "[...] é a mesma que acompanhando o Paraguai desde as suas cabeceiras pelo lado do Nascente vai terminar no morro Escalvado com mais de 60 léguas de extensão [...]. Então, observa-se que o nome da fazenda evoca o nome de um acidente geográfico, o morro *Escalvado*, que delimita a extensão das terras. Nesse processo, segundo Guimarães (1992), a nomeação dessa fazenda se dá atribuindo-se a um lugar uma característica que se tem nele, ou seja, a relação com a existência do morro *Escalvado*.

A significação desse nome seria algo próprio das relações de linguagem, algo que estabelece uma relação linguística (simbólica).

Passaremos a analisar o conjunto de nomes dado ao imóvel, conforme o registro de compra e venda da Fazenda Ressaca.

> *Nº do registro 79, folhas 39.*
> Data - 9 de novembro, de 1905
> *Município* = São Luis de Cáceres
> *Denominação do imóvel* = Ressaca, Lagoa Secca e Piuva.
>
> *Características e confrontações* = Terras pastaes e lavradas, confrontando ao norte, com meio ao sul com a Sesmaria da Passagem Velha, ao nascente com esta Sesmaria e a da Cachoeirinha e ao poente com o rio Paraguay.

O proprietário da Usina Ressaca adquiriu posse dessas terras que haviam sido tituladas em 1882, nas confluências do Córrego Facão e Barreiro, cujas águas formam, nesse ponto, uma turbulência que deu origem ao nome do local.

Segundo Póvoas (1985, p. 44):

> Para implantar a indústria, adquiriu ele uma posse que havia sido titulada em 1872, na confluência dos córregos Facão e Barreiro, cujas águas formam, nesse ponto, ao se juntarem, uma turbulência de onde adveio o nome do local: *Ressaca*. Já existia ali uma engenhoca que fabricava rapadura e açúcar de barro, o que evidencia que o lugar era propício à cultura de cana.
> A área primitiva da usina era de apenas 2.700 ha [...] através da aquisição de propriedades contíguas, a Ressaca chegou a ter 27.000 ha.

O nome *Ressaca*, segundo o *Dicionário de Língua Portuguesa* (1986, p. 988), significa: 1. o movimento de recuo das ondas; fluxo e refluxo; 2 .estado em que se fica depois de passada a bebedeira.

Nessa perspectiva, o nome *Ressaca* pode estar semanticamente ligado a dois sentidos: ao encontro das águas e ao efeito da aguardente, que também era produzida na fazenda, pois à época havia uma indústria de açúcar e aguardente de grande produção.

No registro de compra e venda, aparecem três nomes: *Ressaca*, *Lagoa Secca* e *Piuva* denominando as terras "pastaes", no entanto, dois desses nomes foram silenciados, e somente o primeiro nome, *Ressaca*, permanece na enunciação que nomeia essa fazenda.

Com relação ao primeiro nome, queremos destacar que ele faz um recorte entre o que se diz e o que não é dito. Exclui um não dito para assim poder se significar. Nessa exclusão, estão os nomes *Lagoa Secca* e *Piuva*, que também não deixam de significar, pois em determinadas enunciações eles ainda permanecem.

Segundo Guimarães (2002), uma estrutura não pode corresponder a um modo de significar, mas há alguns impedimentos para que certas estruturas funcionem para alguns tipos de nomes e para outros não. Existe uma relação muito particular entre a nomeação e o objeto nomeado, essa relação é com a materialidade histórica e não com a física. Lembremos, como exemplo, os nomes dos quadros que, na maioria, fazem parte da categoria nominal, assim como a denominação dessas "terras pastaes" que eram denominadas por uma trilogia *Ressaca, Lagoa Secca e Puúva* afetada pela geografia física que as constitui.

No registro que se segue, as "terras lavradias" foram denominadas Facão.

> *Nº do registro 420, folhas 201.*
> Data- 11 de setembro de 1919
> *Município* = São Luis de Cáceres
> *Denominação do imóvel* = Terras lavradias denominadas "Facão"
>
> *Características e confrontações* = Uma parte de terras, com cem hectares, mais ou menos annse à sesmaria da Ressaca, confinando ao nascente e norte com propriedades dos adquirentes, ao sul com o

> córrego denominado "Facão", ao Poente com o rio Paraguay separada ao nascente pela estrada que desta cidade vai a Passagem Velha.

A Fazenda Facão, que ao sul se confina com o córrego denominado "Facão", pertencia à Fazenda Ressaca e destacou-se, no século XIX, também como produtora de açúcar, aguardente e cereais, mas em proporções menores que a Usina Ressaca. Entre os cereais está a farinha de mandioca muito consumida pelos pantaneiros e chiquitanos.

Pelo que consta no documento, a denominação *Fazenda Facão* evoca a enunciação que nomeou o córrego "Facão" existente na área da fazenda. Neste caso, o nome não é constituído pela enunciação que nomeia a fazenda, mas pela outra enunciação que está contida na enunciação que nomeia o córrego.

Guimarães (2002, p. 37) diz que "o processo enunciativo da nomeação pode, então, envolver lugares de dizer diferentes, o que diz respeito ao fato de que uma enunciação que nomeia pode estar citando enunciações diversas". No caso de *Facão*, havia uma nomeação anterior à da Fazenda *Facão*.

Esse modo de dizer produz um certo efeito de pertencimento a um dado local, ou seja, é um nome que valoriza o próprio ambiente natural.

Conforme o *Dicionário de Língua Portuguesa* (2001. p. 424), Facão significa: 1. Faca grande e pesada. 2. Ferramenta agrícola. 3. Facão de mato, sabre curto de lâmina larga, empregado para abrir caminho através da vegetação. Dessa forma, também é possível relacionar o nome do instrumento ao nome dado à Fazenda, por se tratar de um ambiente rural, onde o objeto é de muita utilidade e necessário aos trabalhos rurais.

Considerações finais

Através deste estudo, percebemos que, ao longo dos séculos, a maioria dos nomes das fazendas-engenhos não sofreram modificações, com exceção da Fazenda Ressaca, que antes havia em sua denominação uma trilogia de nomes e que muda ao ser reescriturada com apenas o primeiro nome. Os nomes Jacobina, Facão, Descalvados e Ressaca permanecem produzindo efeitos de sentido para a história do município que se abastecia com a produção dessas fazendas-engenhos, toda vez que esses nomes são enunciados.

É interessante destacar que o processo de nomeação dessas fazendas se diferencia de outros processos, como por exemplo, da nomeação de escolas, que muitas vezes são dados em homenagem a alguém, e dos nomes próprios de pessoas que são determinados pelos sobrenomes, que mantêm a origem das famílias nos registro desses nomes.

Referências bibliográficas

FLORENCE, Hercules. **Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829**. Tradução do Visconde de Taunay; prefácio de Mario Guimarães Ferro. São Paulo: Cultrix, Editora da USP, 1977.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala**. 51. ed. rev. São Paulo: Global, 2006.

GARCIA, Domingos Sávio da Cunha. Os Belgas na fronteira Oeste do Brasil. O início da ofensiva: Os Belgas em Descalvados. In _____. **Território e negócios na "Era dos Impérios"**: os belgas na fronteira oeste do Brasil. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009.

GUIMARÃES, Eduardo. **Os limites do sentido**: um estudo histórico e enunciativo da linguagem. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

_____. Enunciação e história. In _____. **História e sentido na linguagem**: Campinas, SP: Pontes. 1989.

_____. **Semântica do acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. Campinas, SP: Pontes, 2ª edição, 2005.

_____. Independência ou Morte. In____ **Discurso fundador.** Campinas, SP: Pontes, 1993.

_____. Terra de Vera Cruz. In_____. **Cultura Vozes** – n. 4, julho/agosto, 1992.

HENRY, Paul. A história não existe. In ORLANDI, Eni et al. (Org.); tradução Bethânia S. C. Mariani et al. **Gestos de leitura**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

LEITE, Luis-Philippe Pereira. **Vila Maria dos meus maiores.** Diagramado/Composto/ Impresso em equipamento de Vaner Bícego. São Paulo, 1978.

PÓVOAS, Lenine Campos. O ciclo do açúcar e a política de Mato Grosso. In SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. **Revivendo Mato Grosso**. Cuiabá: SEDUC, 1997.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. **Revivendo Mato Grosso**. Cuiabá: SEDUC, 1997.

ZATTAR, Neuza. Calçadas: espaços públicos ou privados?. In **Revista Eletrônica do GELCO**. **Linguagens: Desafios Contemporâneos,** 2008.